



## Presença e influência da cultura árabe no norte da África\*

*Mansur Lutfi*

Procurarei estabelecer o foco em uma região geográfica que se situe no Maghreb e ao mesmo tempo no centro da África mediterrânea. Escolhi a Tunísia por ter uma história escrita desde o aparecimento do alfabeto e ter visto passar inúmeras civilizações por seu pequeno território como berberes, cartagineses, gregos, romanos, vândalos, bizantinos, normandos, árabes, almorávidas, almohadas, espanhóis, turcos otomanos, franceses etc.

Tracei brevemente a fase anterior à chegada dos árabes a essas terras onde o sol se põe, o Oeste, o Ocidente, o Gharb: o Maghreb e o Algarve.

Agradeço aos organizadores da disciplina e à Neumir Magalhães por ajudar a colocar a linguagem em uma forma mais palatável, pois se tratou de traduções em muitos trechos, e à Mercedes Blázquez García, pelo fornecimento de material bibliográfico sobre a Tunísia.

### **I – Das origens à primeira guerra púnica**

1. Supõe-se que os primeiros hominídeos apareceram no Maghreb no início do quaternário, ou seja, um milhão de anos antes de nossa era. Eles formavam a Pebble Culture, ou civilização do cascalho. Fabricavam ferramentas a partir de pedras redondas e achatadas. A presença humana no território tunisiano é atestada no paleolítico inferior, comprovada pelas ferramentas bifaciais encontradas nos sítios de Gafsa, no sul e Sidi-Zin, litoral norte, região do Kef. 1

Uma savana propícia aos herbívoros cobria essa região de clima quente e úmido. No paleolítico médio a savana se transforma em floresta do tipo mediterrâneo e se povoa de uma fauna eurasiática imigrada: cervos, ursos, javalis.

#### 2. O Homo sapiens

É no IX milênio a C, com uma população de homens de Mechta el-Arbi, que apareceu na África do Norte o Homo sapiens. Uma segunda civilização, dita capsiana, de Capsa/Gafsa, sítio no qual os vestígios foram descobertos,

---

\*DOI – 10.29388/978-65-86678-09-3-0-f.41-66

emergiu no VI milênio. Provavelmente do tipo negroide, nômades, viviam de caça e coleta. No IV milênio a C, início do período neolítico, populações originárias do Sahara e do Egito vieram se instalar na Tunísia. Tratava-se dos protolíbios, que se misturam com os capsianos, formaram uma etnia nova da qual descendem os berberes.<sup>2</sup> Viviam da criação de gado e foi bem mais tarde, com o aparecimento do dromedário na África do Norte, que o verdadeiro nomadismo ganhou força.

### 3. Os fenícios/púnicos

É com a chegada dos colonos fenícios que a Tunísia entra plenamente na história. Povo semítico, os fenícios<sup>3</sup>, cuja atividade principal era o negócio: exploração de recursos locais como a púrpura e vidro, e desenvolvimento no I milênio a C, de relações comerciais terrestres e marítimas. Estão na origem da fundação de empórios e colônias como Chipre, costas do Egeu; Utica e Cartago; Nora e Sulcis na Sardenha; e Sicília. Em torno de 1200 a C, os fenícios se constituíam na principal potência comercial do Mediterrâneo. Nem os gregos, que tiveram que fazer face aos invasores dóricos, nem os assírios foram uma ameaça real.

### 4. Sumário

VIII sec. a C: repelidos para o sul e o oeste pelos fenícios, os berberes nômades se sedentizam, formando os reinos númidas dos Massiles e dos Masaesiles.

VII a V sec. a C: A expansão de Cartago pelas ilhas Baleares, Sardenha, Sicília é freada pelos gregos. Em 480 a C, uma coalizão das cidades gregas sicilianas de Siracusa e Agrigento derrota uma expedição púnica. Cartago estende então sua influência em direção ao interior do Maghreb.

264-241 a C: Primeira guerra púnica. Roma e Cartago disputam a Sicília. É o desembarque de Appius Cláudio em Messina que desencadeia a primeira das três guerras púnicas. Vencida, Cartago abandona a Sicília.

## II – Das guerras púnicas ao Império Bizantino

### 1. Sumário

A dinastia Severiana

O lento declínio da África romana

Hamilcar, Hannon e Hannibal

218-201 a C: Segunda guerra púnica. Aníbal/Hannibal atravessa os Alpes para atacar Roma. Em 202, Cipião/Scipion, o africano, derrota Aníbal em Zama. Roma se apodera da Espanha, do Mediterrâneo e da África.

“É preciso destruir Cartago”

149-146 a C: Terceira guerra púnica. Os conflitos entre os cartagineses e o reino berbere dos Massiles oferecem a Roma o pretexto para um ataque que termina pela destruição total de Cartago.

A província da África

I sec. a C: Primeira tentativa de colonização de Cartago em 122 a C, retomada em 44 por Júlio César e concluída por Augusto.

I e II sec d C: Sucesso da Colônia Júlia, o novo nome de Cartago, que se torna a capital da África romana e o porto do trigo da África que Roma carecia.

A romanização de Cartago

III e IV séc. d C: Tertuliano, são Cipriano e santo Agostinho principalmente fazem da região um dos bastiões do cristianismo no ocidente. Cartago acolhe diversos concílios.

## 2. A chegada de Geiséric e os vândalos

430 d C. Geiséric se apropria de Cartago fazendo dela a capital dos vândalos.

O romano Bonifácio, governador da África sob Honorius, apelou aos vândalos após ter caído em desgraça, mas não soube parar a invasão deles. Em 432, ano de sua morte, foi batido por Geiséric (428-477), rei dos vândalos, e expulso da África. Este povo germânico, formado por tribos instaladas na Dinamarca e Escandinávia, havia migrado no sec. II para a Pomerânia antes de atravessar o Reno, em 407, e de invadir o oeste do Império Romano. Roma havia encarregado os visigodos de reconquistar a Espanha, ocupada pelos alanos, suevos e vândalos. Estes últimos tinham se tornado piratas no Mediterrâneo antes de desembarcarem na África sob Geiséric. Em 439 tomaram Cartago.

Mas a invasão não parou mais. Tomaram Córsega, Sardenha, Sicília e as ilhas Baleares antes de saquear Roma em 455.

## 3. A África bizantina

Em 533, o exército do Império Bizantino, de Justiniano, comandado por Belisário, passa ao ataque. Ao fim de um ano de combate, 534, o vândalo Geli-mer se rende sendo uma parte de seu exército deportada para a Ásia e a outra encontrou refúgio entre os mouros. Os vândalos cessaram de existir como povo, fundindo-se com a população nativa. Justiniano se empenha em apagar

os traços da ocupação vândala: renova as cidades romanas; constrói fortalezas a fim de enfrentar a ameaça das tribos berberes e se proteger de invasores pelo mar. Pode-se ainda ver no Maghreb um grande número de construções bizantinas. Mas a África bizantina não durou mais tempo que a dos vândalos: apenas um século. Em 648, os bizantinos foram derrotados pelos árabes em Sufetula, atual Sbeitia.

### III – Na ifriqiya muçulmana

#### 1. A expansão do Islam

A extraordinária expansão do Islam, um século após a morte do Profeta em Medina, no ano 632, tinha a leste chegado às fronteiras da Índia e, a oeste, através do norte da África, às bordas da França. Essa expansão deixou no imaginário popular a figura de cavaleiros de pele morena, emergindo ao galope do deserto, o Corão em uma das mãos e uma cimitarra na outra. Eram invencíveis porque morrer sobre um campo de batalha constituía para eles uma sorte desejável que lhes permitia, pensavam, ascender diretamente ao paraíso. A invasão árabe e a chegada do Islam tiveram sobre a Tunísia um impacto bem maior que todas as invasões precedentes, mas, para citar o historiador Jamil M. Abun-Nasr<sup>4</sup>, “a influência profunda e durável do Islam nessa região não é realmente o feito dos conquistadores árabes”. Com uma única exceção, os califas se importavam pouco em converter à sua religião os povos não árabes que governavam. O proselitismo era obra de seitas heréticas que, não podendo pregar em seu próprio local de origem, iam converter no estrangeiro. Os berberes, habitantes locais, souberam rapidamente tirar partido de tudo o que lhes podia ser útil entre seus mestres políticos e militares. Tinham a arte de explorar as fraquezas e souberam descobrir cismas graves que dilaceravam o Islam.

As grandes divisões recaíam sobre a legitimidade das famílias do Profeta (sem descendente masculino) e sobre o direito de sucessão hereditária dos califas. Outra fonte de conflito eram as simples injustiças morais: uma teoria, objeto de discussão na época, afirmava que um pecador muçulmano estava privado dos direitos do verdadeiro crente. Mas era impensável sonhar destituir um califa degenerado.

Na Tunísia, polêmicas complexas se relacionavam às dinastias, como aquela dos omeyyadas/ummayyadas, ramo dos descendentes do Profeta; ou às famílias reinantes como aquela dos aghlabidas; às seitas, tal como o kharijismo ou às doutrinas, como o malekismo. Elas recobrem, mais que as rivalidades entre soberanos ou entre teólogos, as lutas pelo poder que tinham se revestido

de muitas formas: dominação militar ou religiosa ao seio dos governantes; tensão entre o Califado e uma aristocracia árabe bem implantada na Tunísia e que veiculava ideias novas; diferenças de doutrina, com alguns pregando a igualdade entre muçulmanos, e outras se considerando naturalmente superiores aos mais piedosos dos berberes.

## 2. A conquista muçulmana da África, 647 a 698

A conquista árabe do Maghreb, que engloba os atuais territórios da Líbia, Argélia, Marrocos e Tunísia começa em 647 por uma série de incursões realizados por chefes militares que haviam conquistado o Egito em nome do Islam. Mas a conquista propriamente dita só começou com o surgimento da dinastia dos Omeyyadas<sup>5</sup>, com ambições imperiais, que deveria conduzir ao enfrentamento com os bizantinos para se assegurar da supremacia no Mediterrâneo.

Em 670 um exército árabe penetrou na Tunísia. Chegando por via terrestre, contornou as fortalezas bizantinas se afastando da costa. Os árabes eram uma potência terrestre e se encontravam em desvantagem face às fortalezas litorâneas que podiam ser abastecidas e receber reforços por mar. Era necessário aos árabes estabelecer uma base que forçaria o inimigo a lhes enfrentar por terra, já que sua cavalaria lhe daria vantagem. Assim sendo, fundaram a cidade de Kairuan a partir de onde poderiam atacar as resistências bizantinas e berberes dessa província que a partir daí chamaram de Ifriqiya, do nome latino África.

Os árabes tomaram a cidade de Cartago e venceram uma força aliada bizantina e berbere, perto da cidade de Bizerta, ao norte. A resistência mais encarniçada lhe foi oposta por um reino berbere, governado por uma mulher, Kahina, que os venceu em duas ocasiões antes de ser derrotada em El Jem. Isso marca o fim da resistência berbere. O vencedor foi Ibn an-Nu'man. Agora ele deveria lutar contra os bizantinos que tinham reconquistado Cartago.

Hassan ibn an-Nu'man decidiu construir um porto militar importante, pois o da velha cidade de Cartago lhe pareceu insuficiente. Mas havia um problema com a lagoa onde se encontrava o porto, que era separado do mar por um istmo. Para isso vieram trabalhadores coptas (cristãos do Egito) que construíram estaleiros e navios. A nova cidade recebeu o nome do povoado que os romanos chamavam Thunes e que se tornou Túnis.

A integração dos berberes se fez graças a sua conversão à religião dos recém-chegados. Entretanto conservaram sua originalidade, aderindo à heresia kharijita que proclamava a igualdade de todos os muçulmanos. Essa escolha se

explica pelo fato de os berberes continuarem a serem os vencidos. Eles se engajaram no exército do governador Mussa Ibn Nusayr e sob o comando de um dos berberes, Táriq, participaram da conquista da Espanha em 711 e da invasão da França, até Poitiers, em 732.

### 3. A idade de ouro do reino dos Aghlabidas (800-909)

A própria aristocracia árabe local se irritou com a ingerência do Califa abássida nos negócios locais. Os eruditos de Kairuan, por estarem muito afastados de Bagdad, possuíam liberdade de pensamento. A vida dissoluta dos califas suscitava sérias críticas desses eruditos.

Em 797, uma rebelião eclodiu em Túnis, que se expandiu até atingir Kairuan. O governador mandatário do califa não pode restaurar a ordem. Um chefe local, Ibrahim ibn al-Aghlab (756-812), à testa de um exército disciplinado, se aproveitou para intervir. Obteve do califa Harun al Rachid, a Ifriqiya como feudo hereditário. Ofereceu em contrapartida, pagar um tributo anual de 40 mil dinares.

Ibrahim ibn al Aghlab e seus descendentes, os aghlabidas, governaram em nome dos califas sobre o norte da África até 909. A bandeira do califa foi conservada e seu nome continuaria a ser mencionado nas orações de sexta-feira, mas os aghlabidas, que haviam adquirido o título de emires, eram na realidade inteiramente autônomos.

O emirado dos aghlabidas é considerado como a idade de ouro da Ifriqiya muçulmana, no curso do qual foram construídas a Grande Mesquita de Kairuan e a de Túnis, e, ao longo da costa, a fim de evitar represália dos europeus, numerosos e soberbos mosteiros fortificados, os ribat<sup>7</sup>. Fizeram prosperar a economia, retomando a agricultura que havia sofrido muito com a invasão dos vândalos e que os bizantinos só tinham recuperado em parte.

O comércio com o Sudão<sup>8</sup> através do Sahara tornou-se florescente, fornecendo ouro e escravos. Levou ao desenvolvimento da ourivesaria, marroquineria (bolsas e sapatos de couro), marchetaria (trabalho decorativo em madeira). As campanhas militares empreendidas no exterior aumentaram o prestígio dos emires aghlabidas; expedições lançadas a partir da Sicília, atingiram seu auge na pilhagem da basílica de Roma em 846.

Para uma compreensão das divisões dinásticas que ocorreram dentro da família do Profeta e levaram à constituição do sunismo e do xiismo, este com várias subdivisões, apresento esta tabela abaixo:

### 3. As ramificações do xi'ismo [in LEDUC, Pascal, Syrie et Jordanie, ed. Guides Marcus]

Começamos com dois irmãos, Abu Taleb (fal.619) e Abd Allah (fal. 571). Abu Taleb teve o filho ALI (fal. 661) e Abd Allah teve o filho Muhammad (571-632) que por sua vez teve um único descendente, Fátima.

Ali, que era primo de Muhammad; casando-se com Fátima se tornou seu genro, e primeiro iman (sucessor do profeta). O casal teve dois filhos, o primeiro, Al Hassan (morto em 669) se torna o 2º iman; o outro, Al Hussein (morto em 680) torna-se o 3º iman.

Al Hussein tem como um descendente, Jafar As-Sadiq (fal. 712) e que foi o 6º iman.

As-Sadiq teve Ismael (desaparecido em 762) que foi o 7º e último iman dos xi'itas Setimanos ou Ismaelitas. E teve também Mussa Al Kazim (fal. 799), 7º iman dos xi'itas duodecimanos.

Ali Al Hadi (fal. 868) deu sequência a Al Kazim e foi o 10º iman . Muhammad B. Nuseir, 11º iman, foi o fundador do ramo alauíta, enquanto outro descendente, Muhammad Al Mahdi, (desaparecido em 878), 12º e último iman xi'ita Duodecimano.

Voltando a Ismael, 7º iman, temos que um grupo na Tunísia reivindica a descendência de Fátima e funda a Dinastia Fatímida do Cairo (909-1170). Deles deriva o fundador do ramo Druso, Nashtakim Al Duruzi e os Ismaelitas da Síria.

### 4. Dissensões religiosas no interior do Islam na Tunísia

As grandiosas realizações arquitetônicas e feitos guerreiros não impediram o descontentamento crescente dos oficiais superiores árabes e dos religiosos de Kairuan. Desconfiado, Ibrahim ibn al-Aghlab deixou sua residência em Kairuan para se instalar em uma fortaleza vizinha. Ele se cerca de uma tropa de segurança e de uma guarda composta de escravos. A hostilidade dos círculos religiosos nasceu do desprezo com o qual eram tratados os berberes convertidos ao Islam.

O movimento sunita, tendência "ortodoxa" do Islam, e a doutrina malekita<sup>9</sup>, desenvolvida em Kairuan, que pregava a igualdade de todos os muçulmanos, independentemente da raça, lançaram as bases da oposição kharijita à dominação dos árabes e dos califas no Maghreb. Esta seita islâmica fundada em 657 proclamava entre outras coisas que, independentemente de todo laço de parentesco com o Profeta, todo crente poderia ascender à dignidade de califa. Tal doutrina igualitária seduzia naturalmente os pequenos comerciantes e

os camponeses, cujos direitos eram tratados com desprezo, causando uma cisão profunda entre a elite e o povo.

O nono e último emir aghlabida, Ibrahim II, pareceu no início substituir vantajosamente seu irmão Muhammad II, “frívolo e extravagante”, rei aos 13 anos, que repartia seu tempo entre a caça aos groues e “uma vida de agradável dissolução” (ele morreu subitamente aos 24 anos). Seu sucessor era, ao contrário, devotado à justiça, com uma sinceridade que, infelizmente, virou fanatismo. Decidido a defender os pequenos, ele fez massacrar sem discernimento os ricos e os poderosos. Cita-se a história de um árabe de fortuna, do cabo Bon que foi levado a Kairuan sem motivo e crucificado. Sem dúvida o emir se deu conta de que a aristocracia árabe terminaria por reagir; assim fez reforçar seu exército de escravos negros e construiu uma outra residência à Reqqada, a 8 km de Kairuan. Ibrahim II abdicou em 902 sob pressões exercidas pelo Califa. Seu sucessor foi assassinado um ano depois por seu próprio filho que, não contente com o parricídio, matou também seu irmão para estar seguro de subir ao trono.

Esses abusos jogaram em favor dos ismaelitas, austera seita fundada em 750 (que logo se constituiu na mais importante comunidade no seio do xiismo), que reprovava há tempos nos aghlabidas o relaxamento de seus modos, notadamente em matéria de consumo de bebidas alcoólicas. Os xiitas fomentaram uma rebelião que forçou o último dos aghlabidas, Ziyadat Allah III, a deixar o poder em 909. O chefe dos insurgentes foi Ubayd Allah, pretense descendente de Fátima, que dizia ser o mahdi<sup>10</sup>. Ele fundou a dinastia dos Fatímidas.

## 5. Os reinos dos fatímidas e dos ziridas (909-1159)

Ubayd Allah nutria projetos ambiciosos. Queria conquistar o Egito; expulsar de Baghdad os califas usurpadores. Após uma expedição fracassada que o levou até Alexandria (Al Iskanderiya), ele fundou uma nova capital, Mahdia, no lugar de um antigo porto. Todos os peregrinos em caminho para Meca eram obrigados agora a parar em Mahdia e pagar uma taxa substancial para desfrutar desse “privilégio”. Esmagados pelos impostos destinados a financiar visões militares do governo, o povo, estimulado pelos sunitas perseguidos, se sublevaram. Mas os fatímidas conseguiram neutralizar as insurreições. Em 969, puderam enfim realizar seu sonho de conquista do Egito: transferiram sua capital para a cidade recém-fundada, O Cairo<sup>11</sup>, onde eles deveriam reinar até 1171, ano no qual são destronados por Salah ad-din (Saladino).

Os Fatímidas, agora estabelecidos no Egito, deixaram à família Ziride o cuidado de administrar o país. Pouco a pouco, a Ifriqiya se emancipa e a ruptu-



ra com os Fatímidas foi proclamada em 1048. Estes, por vingança, pediram auxílio à tribo nômade Banu Hilal e Sulaym, que percorriam o Egito desde o século VIII. Dotados de títulos de propriedade pré-estabelecidos, cinquenta mil homens se abateram sobre o país, que eles devastaram. As invasões hilalianas tiveram por efeito secundário a difusão da língua árabe, que se espalhou no interior. De fato, essas invasões favoreceram a arabização em geral da população autóctone. A língua berbere desapareceu quase completamente; talvez a emergência de uma língua comum tenha contribuído para combater o fosso que havia entre os dois povos. A Tunísia, entregue ao caos, não possuindo mais um governo central, ainda sofreu numerosas invasões e as pilhagens se sucederam: genoveses, pisanos e amalfitanos atacaram Túnis e o porto de Mahdia. Os normandos da Sicília, de Rogério II, entre 1134 e 1148, se apoderaram de Mahdia (residência do último emir zirida, há muito tempo sem poder), de Gabès, de Sfax e da ilha de Jerba.

#### 6. Os Almohadas e os Hafsidas (1159-1574)

A novidade veio do oeste em 1159, com a dinastia berbere-marroquina dos Almohadas, secundados pelas tribos berberes que pacificaram toda a África do Norte e estabeleceram um governo na Tunísia, de onde expulsaram os normandos. Em 1230, o governador colocado pelos almohadas, Abu Zakariyya, tomou o título de emir, proclamou a independência de seu Estado e fez pronunciar a prece em seu nome. Assim nasceu a dinastia hafsida. Seu filho, Abu Abd Allah, Muhammad I, que portava seu título honorífico de O Mustansir bilah<sup>12</sup>, foi reconhecido por Meca e ascendeu ao título de califa.

Sob seu reinado o comércio com a Europa e o Sudão prosperou. El Mustansir transformou Túnis, sua capital, e aí fez construir um esplêndido palácio e criou o Parque Abu-Fihr. Soube abrir o país ao estrangeiro: mercadores venezianos, pisanos e genoveses receberam a permissão de se instalar nos portos hafsidas.

#### 7. A VIII cruzada

O país parecia tão civilizado e governado com tanta sabedoria que o papa Inocêncio IV (1243-1254) excluiu mesmo toda possibilidade de cruzada. Mas, Louis IX de França, inicialmente por razões estritamente religiosas — corria o boato de que o emir estava desejoso de se converter — desembarcou em Cartago a 18 de julho de 1270. Foi a oitava e última cruzada. Entretanto, os comerciantes franceses que tinham sido autorizados a se instalar em Túnis, apoiava-

dos pelo irmão do rei, Charles d'Anjou, tinham outras reivindicações, pois o emir recusava-se a honrar as grandes dívidas que tinha contraído.

Túnis teve que suportar um cerco de um mês e o emir Mustansir estava a ponto de fugir para Kairuan quando Louis IX morreu de diarreia pelo cólera. Charles d'Anjou chegou com os reforços no mesmo dia, mas, encontrando o emir inclinado a fazer as pazes, ordenou a cessação das hostilidades. O tratado obrigou o emir a pagar um pesado tributo, enquanto a dinastia hafsida se mantivesse, ou seja, até o fim do século XVI.

Os cristãos nunca abandonaram a esperança de chegar a converter a Tunísia, e os hafsidas nunca hesitaram em explorar essa ilusão. Um dentre eles, que buscava obter o apoio de Jacques (Tiago) II de Aragon, lhe deixa entender que ele se encontrava prestes a se converter.

Em 1313, um célebre missionário, Francisco de Assis, foi mandado ao local e passou dois anos esperando um chamado que nunca veio. Além disso, a reconquista parcial da Espanha pelos exércitos cristãos influenciou profundamente sobre o destino do estado hafsida.

## 8. A Conquista Árabe-Berbere da Espanha

Ao invadir a Tunísia em 430, os vândalos vindos da Espanha tinham, eles próprios, fugido dos visigodos. Esses tinham estabelecido sua capital em Toledo.

Em 711, um exército berbere conduzido por Tariq ben Ziyad atacou os visigodos e tomaram Toledo e pediu reforços a seu superior árabe, Ibn Nusayr. Este, que chegou com um exército de dezoito mil homens viu a vantagem que ele poderia ter da situação. Os berberes foram descartados e perderam assim todos os benefícios de sua vitória na Espanha.

Os conquistadores árabes gozaram da mesma autonomia, em relação ao Califado, que os aghlabidas na Tunísia, e suas famílias circulavam frequentemente entre o Maghreb e a Andaluzia. Desencorajaram a instalação dos berberes no país, entretanto os engajaram com satisfação como soldados. As populações da Espanha foram ou assimiladas à cultura árabe-islâmica ou autorizadas a conservar sua fé cristã ou judia.

## 9. Almorávidas, Almohadas e Marinidas

Almorávidas, em árabe al-murābitūn. Soberanos berberes da tribo dos sanhāja, do deserto do Marrocos, que reinaram sobre o oeste da África do Norte e a Espanha muçulmana, (fim do século XI e início do XII).

A fim de introduzir o Islam no Império de Ghana, um dos chefes lamtūna (fração dos sanhāja) pediu ajuda a ibn Yassin que instalou um ribat no Senegal (o convento-militar, al-murābitūn : aqueles do ribat, donde deriva o nome almorávidas). Em 1042, ele pregou o Islam aos berberes do Sahara e aos negros do Takrūn; organizou um exército composto de recém-convertidos, atacou o Império de Ghana que sucumbiu em torno de 1076. Ele partiu à conquista da África do Norte para aí instalar a ortodoxia, sob a forma do rito malakita. Após a morte de ibn Yassin, ibn Tāshfin, fundador de Marrakech, o sucede. Sob sua direção, o Marrocos e o oeste da Argélia foram unificados (1063-1082).

Quando Alfonso VI, de Castilla y León, quis retomar Toledo (1085), os emires árabes da Espanha chamaram Ibn Tāshfin que obteve a vitória na batalha de Zallaka (1086). Ele englobou assim os Reinos de Taifas (emirados árabes da Espanha) aos territórios conquistados na África do Norte. Sob 'Ali ibn Yusef (1106-1142), sucessor de ibn Tāshfin, a união entre a Andaluzia e o Maghreb foi consolidada e a civilização da Andaluzia penetrou nas cidades africanas. A revolta dos Almohadas e a vitória deles pôs fim aos reinos almorávidas.

Almohadas, em árabe al-muwahhidūn, soberanos berberes que reinaram sobre a metade da Espanha e a totalidade do Maghreb, de 1147 a 1269. O fundador deste poder foi ibn Tūmart, berbere dos montes Anti-Atlas. Reformador religioso, ele criticou a estrita observância do rito malekita pelos almorávidas propondo a volta às fontes religiosas (Usūl). A base da doutrina era a crença na unidade divina absoluta (al-muwahhid, de tawhid: “unidade divina”). Inspirando-se nos xiitas, ele se proclamou, em 1211, mahdi e iman; conclamou a guerra santa, jihad, contra os almorávidas. Quando faleceu, em 1130, 'Abd-al-Mūmin tomou Tlemcen, Fès e Marrakech, em 1147. Instaurou sua autoridade na Espanha, conquistou a África do Norte até a Tripolitânia e se atribuiu o título de califa. Os almohadas começaram a declinar após a derrota do quarto califa, Muhammad an-Nasīr (1199-1213) contra os cristãos em Navas de Tolosa (1212). A instalação dos Marinidas em Marrakech pôs fim ao reino dos Almohadas (1269).

Marinidas [Banū Marīn]. Dinastia berbere do grupo zanata que reinou sobre o Marrocos e temporariamente sobre o Maghreb (séculos XIII a XV). A intervenção dos reis marinidas na Espanha contra os reis cristãos de Castilla permitiu apenas manter os nasrīdes em Granada até o fim do século XV. Na África do Norte, abu al-Hasan (1331-1351), que foi o principal soberano marinida, ocupou Tlemcen (1337) e depois Túnis (1347). Após sua derrota em Kairuan, ele teve que se refugiar no Marrocos. Seu sucessor, abū Inan (1351-1358) empreendeu de novo a conquista do Maghreb e se apoderou de Túnis (1357).

Mas essas aventuras esgotaram os marinidas que negligenciaram os problemas internos do Marrocos, onde um estado permanente de rebelião levou a sua queda (sec. XV). Os marinidas foram grandes construtores e deixaram esplêndidos monumentos em várias cidades maghrebina, notadamente em Fès e Tlemcen.

#### 10. A reconquista e o exílio dos judeus e dos muçulmanos da Espanha

Na segunda metade do séc. XV, quando os castelhanos empreenderam pouco a pouco a conquista do país, os muçulmanos vencidos podiam conservar seus bens e a praticar a sua religião, embora fossem estimulados a partir.

A conversão ao cristianismo daqueles que tinham escolhido ficar teve pouca adesão. Em 1499, uma política de conversão forçada foi posta em prática. Dezenas de milhares de muçulmanos e de judeus da Andaluzia deixaram a Espanha no início do sec. XVI. Esses imigrados trouxeram com eles um precioso conhecimento, como aos fazendeiros que se instalaram na península do Cabo Bon e aos artesãos nos ghettos das cidades. Eles se especializaram na confecção de chapéus de feltro e de numerosos outros produtos destinados à exportação. Visavam a assim preservar a sua identidade.

O arcebispo que tinha preconizado a conversão, Cisneros, pressionou a rainha Isabel de Castela, a fundar um império no Maghreb. O rei Fernando tinha, no entanto, olhos sobre o sul da Itália. As incursões dos espanhóis sobre o norte da África se limitaram a estabelecer postos de guarnições costeiras, enquanto o interior das terras era deixado aos chefes locais. Esses postos, os presídios, não eram muito importantes, mas eles ganhavam passo a passo o território muçulmano, que inquietos, se voltaram à potência dominante vizinha, o Império Otomano. Nos primeiros tempos, o país apelou aos piratas turcos, depois, durante três séculos, a Tunísia viveu sob a dominação dos Otomanos.

No início do sec. XVI, a Ifriqiya parecia jogada para o pasto de espanhóis e turcos - os novos senhores do Mediterrâneo - bem como aos piratas.

### **IV – Da conquista turca<sup>13</sup> ao protetorado francês**

#### 1. Quando os irmãos barbarruiva espumavam o mar

O Império Otomano, além da guerra contra os espanhóis pelo domínio do Mediterrâneo, se viu envolvido nos conflitos do Maghreb causados pelos piratas turcos, os irmãos Aruj e Khayr ad-Din, Barbarruiva (Baba Oruç).

Esses irmãos operavam a partir do porto de La Goulette, em Túnis, em virtude de um acordo com os governantes hafsidas, sucessores dos almohadas,

aos quais entregavam parte do butim. A pirataria se mostrou lucrativa e, em 1510, os Barbarruiva foram autorizados a fundar uma outra base na ilha de Jerba. A morte do mais velho dos irmãos, em uma querela em Argel, deixa o campo livre a Khayr ad-Din.

Sem força suficiente para enfrentar os espanhóis, Khayr estabeleceu aliança com o sultão otomano Selim I, que lhe enviou uma tropa de dois mil janízaros, além da artilharia. Tomou Argel, a governou por oito anos e transformou o porto em base naval. Impressionado com seu desempenho, o sultão lhe oferece o título de almirante da frota otomana e o encarrega da conquista de Túnis.

Barbarruiva foi além: venceu os hafside, seus antigos aliados, perto de Kairuan, tornando-se senhor de toda a Tunísia. Mas, em 1535, Carlos V, rei da Espanha, desembarcou em Túnis com uma frota de cerca de quatro mil navios e trinta mil homens. Os escravos cristãos que supunham que os espanhóis os recompensariam por os haver apoiado, abriram as portas da cidade a Carlos V. Quando a tomaram, perto de 60 mil habitantes, homens, mulheres e crianças, foram massacrados. Durante três dias, Túnis foi saqueada. Barbarruiva teve que fugir às pressas para Istanbul.

A política mediterrânea se apoiava sobre inumeráveis acordos secretos. Francisco I, rei da França, tinha feito um acordo com os turcos contra a Espanha, e Barbarruiva se achava mais ou menos apoiado pela marinha francesa. Inquieto com esses acordos, Carlos V, propôs ao pirata de se realinhar com a causa espanhola, lhe oferecendo um reino que se estenderia de Argel a Trípoli e que, portanto, englobaria a Tunísia. As negociações não se concluíram, “em razão da falta de confiança mútua entre as duas partes”. Em 1544, um tratado entre Carlos V e Francisco I terminou por esvaziar Barbarruiva.

Os hafside só puderam assistir a essas reviravoltas. Em seguida a uma breve conquista de Túnis por Barbarruiva, o sultão hafside Mulay Hassan pediu ajuda aos espanhóis. Carlos V o restabeleceu em seus direitos, em um país semiarruinado e presa de rebeliões.

## 2. A Batalha de Lepanto, 1571

Lepanto era uma cidadela veneziana quando os otomanos tentaram sitiá-la, sem sucesso, em 1477. Em 7/10/1571 otomanos sofrem uma humilhante derrota naval ao longo da costa grega pelas esquadras da Santa Liga: espanhola, veneziana, genovesa e pontifícia.<sup>15</sup>

Os otomanos conservaram Chipre e terminaram por tomar Lepanto dos venezianos em 1699.

Os espanhóis derrotaram em 1571 os turcos em Lepanto tendo Veneza e o papado como aliados. No entanto, os turcos consideraram os espanhóis os únicos inimigos.

A partir daí, constroem uma nova frota, tendo como objetivo a conquista das possessões espanholas na Tunísia, da qual tomam o controle em 1574 e, desde então, foram os únicos senhores do Maghreb, exceto o Marrocos.

### 3. A Dominação Turca

Os turcos souberam governar eficazmente a Tunísia e a fazer prosperar. Provavelmente nunca houve mais de oito mil turcos na Tunísia, e a metade era de janízaros.<sup>16</sup>

Quanto à administração, estava confiada aos mamelucos. Equivalentes civis dos janízaros, eles eram, como estes, sequestrados bem jovens de seus pais escravos, a fim de constituir uma espécie de corpo de elite civil. Eram mais comumente de origem grega, dos Balkans ou do Cáucaso. Muitos dentre eles terminaram por se tornar poderosos e continuaram a se enriquecer importando um número crescente de escravos de guerra.

Para começar foi instalado em Túnis um regime análogo àquele de Argel:

1-Dirigido por um paxá, título do governador de uma província, nomeado pelo sultão;

2-O agha dirigia a milícia, cujos oficiais superiores formavam um Conselho de Governo. O conselho foi substituído após uma revolta da milícia, em 1590, por um novo Conselho formado de 40 deys.

3-deys ou oficiais subalternos, elegiam um de seus à cabeça da milícia (agha).

4-bey, comandante das tropas e o qabtan, almirante em chefe,

O bey não tardou a se tornar o chefe do governo. Foi o caso de Othman-dey, o terceiro entre eles, que eclipsou o paxá, o relegando a funções honoríficas. Mas, a potência dos beys, altos funcionários, progrediu ao mesmo tempo em detrimento daquele dos deys, tanto e tão bem que o segundo deles, Murad, de origem corsa, obteve o título de paxá e o direito de transmitir seu cargo a seu filho. Murad fundou a dinastia muradida, que se manteve durante três quartos de século na chefia do país.

#### 4. A Tunísia dos Beys<sup>17</sup>

Os beys continuaram, em princípio, a obedecer a Istambul, mas eles governavam o país ao seu bel prazer, enquanto o Império Otomano era sacudido por numerosas crises, tanto econômicas quanto políticas. Ao mesmo tempo, o comércio entre a Tunísia e os países europeus retomou o dinamismo. No começo do século XVIII, um complô militar derrubou a dinastia muradida e seu representante assassinado. Husayn ibn Ali, à testa do novo poder, suprimiu o título de dey, puseram no lugar uma monarquia hereditária, pôs seus esforços na criação de um verdadeiro Estado tunisiano. Essa dinastia husaynida se manteve no poder até 1957, malgrado algumas diferenças sucessórias da qual se aproveitava o dey de Argel (o bey Muhammad, filho de Husayn, foi obrigado a lhe pagar tributo). Mas a economia prosperou, notadamente graças ao comércio dos produtos agrícolas, dos quais o bey tinha o monopólio, e também à pirataria, e o país se beneficiou de uma quase independência em face do sultanato.

#### 5. O apetite dos europeus até a Conferência de Berlin (1878)

Na primeira metade do século XIX, a prosperidade da Tunísia excitou os apetites de conquista comercial e política dos Estados europeus recém-industrializados, notadamente a França, Inglaterra e Itália. A primeira, fortemente implantada na Argélia a partir de 1830, estava igualmente presente nos negócios tunisianos pelas trapaças de seus conselheiros junto aos beys. Os dois outros controlavam uma parte das trocas comerciais e da produção industrial. Os atos de pirataria, sempre numerosos, haviam impulsionado os europeus a entrar em acordo para agir. Em 1819, um corpo expedicionário franco-inglês desembarcou em Túnis a fim de exigir do bey que ele renunciasse a essas atividades. Em 1826 e 1827, as vitórias navais conseguidas pelos ingleses e franceses puseram um termo às atividades e privaram os beys de sua principal fonte de renda.

A autonomia dos beys se achou ainda mais reduzida quando os consulados receberam o direito de deterem o papel de juiz nos processos envolvendo europeus, direito de que eles abusaram, o que deu lugar a disputas intermináveis. A isso se juntaram escândalos financeiros que implicaram membros do governo do mais alto escalão.

O bey Ahmad<sup>18</sup>(1837-1855) tentou desesperadamente dar à sua regência ares europeus, pensando que o acesso da Tunísia ao mundo da alta diplomacia a protegeria das ambições francesas, italianas e britânicas. Tomando por exemplo Napoleão I, do qual ele pendurava por todo lugar retratos, fez de

tudo para reformar o exército, até então refúgio de uma classe desocupada e privilegiada, seguindo o modelo europeu moderno.

Mas a situação tunisiana não tinha mais conserto, com o país sendo incapaz de assegurar as despesas de luxo dos beys. De repente os bancos franceses e ingleses emprestaram somas importantes, enquanto que os produtos manufaturados europeus invadiam o mercado tunisiano. Pouco a pouco, potências ocidentais baixaram a mão sobre o país, de maneira indireta, mas radical, porque os beys, vítimas de seu próprio endividamento, tiveram que aceitar as exigências dos credores.

## **V – O Protetorado francês e o início da República**

### **1. A “proteção” francesa na Tunísia**

Após seu desembarque em Argel em 1830 e em Constantine em 1837, o interesse da França pela Tunísia cresceu. Tirou proveito da tragédia que assolava a Tunísia como epidemias, fome e a convulsão social que se instalou, e avançou seus peões. Enviou conselheiros a pedido de dois beys reformadores, Ahmad (1837-1855) e Muhammad III as-Sadiq (1869-1882). Esses conselheiros que exerciam o papel de embaixadores, eram na maioria franceses que ajudaram a modernização da infraestrutura, implantaram a rede telegráfica e ferroviária; promoveram o exército, a Declaração dos Direitos dos Tunisianos e a outorga de uma Constituição. Toda essa mudança endividou o Estado tunisiano, empurrando-o para uma grave crise financeira que o obriga a aceitar uma comissão financeira internacional dirigida pela França, Inglaterra e Itália.

No Congresso de Berlim de 1878, as grandes potências reunidas por Bismarck, chanceler da Alemanha, se concentraram em desmantelar o Império Otomano e na partilha da África.

A Inglaterra concordou que a França ficasse com a Tunísia. Em contrapartida, a França aceitou a dominação inglesa em Chipre. Ao avaliar tais acordos, o chanceler Bismarck nutria a esperança de assim atenuar a dor francesa pela perda recente da Alsácia e Lorena para a Alemanha. Restou à Itália a Tripolitânia, uma província da Líbia.

Diante da recusa do bey a um pedido da França para que assinasse um acordo que marcasse o protetorado francês e o domínio dos pontos estratégicos, restou aos franceses buscar um motivo para agir. Em março de 1881, o presidente do conselho, Jules Ferry, decidiu por uma intervenção militar na Tunísia a fim de deter uma incursão dos kroumiers na Argélia. Contando com a força da cavalaria já sediada na Argélia, cruzou a fronteira e chegou a Túnis.



Dias mais tarde a frota francesa ocupou o porto de Bizerta. A mediação oferecida pelo bey para intermediar com os rebeldes foi recusada pela França. Outras tropas entraram em Túnis, e em maio de 1881, Muhammad as-Sadiq assinou o Tratado de Bardo, que consistia em um assessoramento de um ministro residente que fosse responsável pela defesa e pelos negócios com o estrangeiro, ficando o bey à frente da regência.

## 2. O Protetorado Francês, 1881-1956

Pela Convenção de Al Marsa a França oficializou o protetorado; a função do bey passou a ser apenas honorífica. Durante os movimentos populares de 1911 e 1912, dirigentes de um movimento criado pela burguesia, os Jovens Tunisianos, foram presos e seguiu-se a instauração do estado de emergência que durou até a I Guerra. Nessa guerra, dos 64 mil soldados tunisianos que lutaram pela França, 10 mil morreram ou desapareceram. Com o fim da guerra, a política de autodeterminação americana teve grande aceitação entre os Jovens Tunisianos.

## 3. O Movimento Nacionalista

Os religiosos conservadores se sentiram mais inquietos com as reivindicações dos Jovens Tunisianos do que as autoridades francesas. Em 1920 nasceu o Partido Destour, que permaneceu ativo apesar de influenciado por suas origens elitistas. Pouco preocupado com as reivindicações populares, o partido concentrava seus interesses em assuntos jurídicos e era comum que se aconselhasse junto às universidades francesas.

O contingente de pobres e sem tetos nas grandes cidades era numeroso na situação econômica confusa após a I<sup>a</sup> Guerra, e não se identificavam com esse interesse do partido. É nesse período que entra em cena Habib Bourghiba.<sup>19</sup>

Não tendo sido aceito totalmente, nem pela elite muçulmana tradicional, nem pelos colonos franceses, se lançou na política, decidido a reformar o país. Explorou habilmente a indignação popular, defendendo a cultura tunisiana, privada de meios de expressão.

Em um artigo publicado em 1929 declara-se favorável ao uso do hijab por constituir seu uso uma manifestação de identidade cultural tunisiana ao mesmo tempo em que se engajou nas propostas do bey Ahmad, que consistiam, entre outras, na abertura da Tunísia ao ocidente. Ao final de sua longa carreira política, ter permanecido distante das correntes islamistas constituiu para ele a maior ameaça.

Grande parte de sua doutrina era centrada na religião. Discordou do apoio ao Congresso Eucarístico em Cartago, em 1930, e se indignou com a instalação de uma estátua do cardeal Lavignerie, dedicado missionário do sec. XIX, na Medina de Túnis. Nesse momento o Destour se encontrava dividido por questões de práticas funerárias: poderiam muçulmanos tunisianos, que tinham adotado a cidadania francesa, serem enterrados no cemitério muçulmano? Consideravam alguns que tinham renegado sua fé e deixaram de priorizar a lei islâmica.

Um jurista malekita propôs conciliação, tornando o funeral possível, desde que no leito de morte, se obtivesse o arrependimento dos pecados.

#### 4. O nascimento do Neo-Destour

Enfraquecido pelas controvérsias, o Destour censura Bourghiba por ter sido contra o sepultamento de uma criança mestiça, naturalizada, em um cemitério muçulmano em Monastir.

Em 1934, Bourghiba deixa o partido, funda o Neo-Destour e inaugura o jornal *L'Action Tunisienne*. O partido foi proibido pouco depois e continuou ilegal por vinte anos. Bourghiba foi preso de 1934 a 1936 em razão do enfrentamento entre seus partidários e o do Destour. Na sequência de manifestações de abril de 38, desencadeadas pelo processo do jovem militante Ali Bel-houane, Bourghiba foi de novo preso, de 38 a 42, dessa vez na França, onde a guerra o surpreendeu. As reivindicações tunisianas se chocavam nessa época com a intransigência dos colonos franceses.

#### 5. A Tunísia envolvida na guerra

A II Guerra teve repercussões singulares na Tunísia. Os agentes de Mussolini aí tinham desenvolvido uma política muito ativa, porque o ditador italiano tinha interesse no país. Os nacionalistas tunisianos não podiam escapar da vigilância francesa destinada a limitar suas ações, mas a derrota de junho de 1940 desorganizou o governo do protetorado.

Último descendente de uma linhagem de beys, quase esquecida, Moncef surgiu na cena política se erigindo como único campeão do nacionalismo tunisiano. Ele cortejou os favores tanto do Destour como do Neo Destour, arrebatou multidões e cobrou do estado francês uma reforma da constituição. Moncef bey e o partido Neo-Destour, acusados de serem pró-nazi, reanimaram a vida política tunisiana e Moncef se tornou o político mais famoso da época.

## 6. A liberação

Os Aliados entraram em Túnis em maio de 1943, após uma rude batalha contra o Afrika Korps de Rommel no deserto. Uma semana depois, as Forças francesas livres depuseram Moncef bey. De sua prisão em Marseille, Bourghiba exprimiu seu apoio às forças do Eixo, mas, em segredo, fez chegar uma mensagem a seus colaboradores, lhes ordenando silenciar suas diferenças políticas e ajudar a França. Os alemães o fizeram transferir a Roma, onde os italianos tentaram em vão obter seu apoio. Finalmente, avaliando que sua presença na Tunísia criaria problemas para a França e aliados, os italianos o libertaram. Entretanto eles se enganaram. Ao retornar ele denuncia violentamente as potências do Eixo e apela aos tunisianos a os combaterem. Ao fim da guerra, os franceses não estavam mais interessados em executar as reformas na Tunísia. Os problemas a resolver já eram numerosos na Argélia.

## 7. Construindo a independência

Habib Bourghiba vai ao Egito onde a Liga Árabe acabava de ser fundada, e percorre também o mundo, em todo lugar onde a causa de seu país era suscetível de ser entendida. A França aceitou negociar, mas fez poucas concessões. A situação complicava. A autoridade nominal estava nas mãos do bey, não do governo francês.

Desiludidos de encontrar uma solução política, os nacionalistas seguiram o exemplo de seus vizinhos argelinos. Desde 1952, se refugiaram nas montanhas e lançaram operações de guerrilha contra colonos franceses. Os colonos ativistas fundaram então a Mão Vermelha, organização que combatia os nacionalistas, e que foi responsável pelo assassinato de Farhat Hached, fundador do sindicato UGTT.

As violências e as vítimas foram menos numerosas que na Argélia, os fellaq (combatentes tunisianos, 1952-1956) nunca foram mais de três mil.

Em julho de 1954, Pierre Mendès France, presidente do Conselho de Ministros, veio a Cartago para prometer a autonomia interna. Esse gesto inesperado está na origem das negociações que se abriram no mês seguinte com o governo de Tahar ben Ammar. O Neo-Destour foi mantido afastado das discussões, enquanto H. Bourghiba era transferido da ilha de Groix (Bretagne) para o castelo de La Ferté d'Amilly. As cartas do jogo mudaram com o fim, em fevereiro 1955, do governo de Mendès France, e seu gabinete foi obrigado a se demitir após um debate na Assembleia sobre o norte da África. Isso permitiu a Bourghiba voltar à cena política: a 1º de julho, após dez anos de doenças e de exílio ela retorna triunfalmente a Túnis. Aceitou que a França conservasse as

pastas de Negócios Estrangeiros, do Exército, da Polícia e da Economia, concessões que levou a rivalidades com Ahmed ben Salah e Salah ben Youssef. Consideraram que Bourghiba pertencia a uma nova aristocracia de homens de poder, o clã de Monastir, enquanto seus dois colaboradores permaneciam fiéis ao movimento sindical, de forte tendência socialista e de ideal pan-árabe.

Ahmed ben Salah acumulou diversas funções no governo, mas foi acusado de alta traição em 1970 e condenado a dez anos de trabalhos forçados; mas conseguiu se evadir depois de três anos. Salah ben Youssef formou um exército rebelde no sul da Tunísia, recorrendo à luta armada e ao terrorismo. Ele fugiu em 1956 e continuou a luta contra Bourghiba a partir do estrangeiro. Foi assassinado em Frankfurt em 1961.

## 8. A independência e a proclamação da república

A França reconheceu a independência da Tunísia a 20/03/1956. Lamaine bey, com 76 anos, teve ainda que esperar um ano antes de ver confirmada a queda de uma linhagem de mais de dois séculos. Uma Assembleia Constituinte dominada pelos neo-destourianos (em seguida às primeiras eleições organizadas na Tunísia, a 15/04/1956) votou por unanimidade pela abolição do beylicado, a 25/07/1957 (depois do início da colonização essa entidade desempenhou apenas uma função simbólica) e proclamou a República. Habib Bourghiba tornou-se presidente dessa República. Reformas foram lançadas: ensino obrigatório, igualdade dos sexos diante da lei, nova legislação econômica e social. Mas, em breve, o presidente teve que enfrentar a crise de Bizerta, que começou em 1961 porque os franceses se recusavam a desocupar essa base naval ao norte do país. Não pode evitar um confronto que custou a vida de mil tunisianos. Mas Bourghiba conseguiu superar as críticas severas que lhe foram endereçadas e a seu partido.

Aos ocidentais restou a desconfiança em relação ao culto de personalidade que se instaurou: a rua principal de cada cidade do país portava, e porta ainda seu nome, encontrava-se em todo lugar estátuas e retratos do presidente, ouvia-se sem cessar intermináveis laudações à glória do Al Mujahid al-Akbar, o Combatente Supremo, título que ele se havia atribuído. O colossal mausoléu dourado de Monastir nunca foi oficialmente terminado, talvez porque isto simbolizaria a ideia de seu fim.

Bourghiba completou, apesar de tudo, muitas coisas. Acreditava que tinha diante de si uma tarefa imensa, nada menos que uma revolução social e econômica, e estava persuadido de que ele era o único capaz de conduzir bem. Para alguns ele foi vítima de seu próprio sucesso. Diminuindo a influência da lei

islâmica (sharia), a fim de que todos tunisianos, independentemente de sua religião pudesse ascender à igualdade jurídica, suscitou o ressentimento da ala dura dos muçulmanos. Estes o recriminavam de haver abolido a poligamia e concedido o mesmo direito a homens e mulheres em caso de divórcio. A melhora do serviço de saúde pública e educação levou a um aumento da natalidade e ao aparecimento de uma geração com ambições cada vez maiores, que o crescimento de uma nação sem petróleo não podia mais satisfazer.

#### 9. A deposição de Bourghiba e as consequências

Em 02/10/1987 foi nomeado 1º ministro o gen. Zine al-Abidin ben Ali, até então min. do interior. Bourghiba, octogenário, gozava ainda de muito prestígio para impedir que o sistema que ele construiu se desintegrasse, escreveu o historiador Abu n-Nasr, mas viu o declínio do sistema e sabia que seus sucessores não poderiam impedir. Pouco após, soube-se que Bourghiba, que não tinha feito aparição pública há meses, tinha consentido em se retirar discretamente. Tratava-se de um golpe de estado pacífico, ocorrido na noite de 06/11/1987 pelo gal. ben Ali, que tendo reunido sete médicos, declarou Bourghiba senil. No dia seguinte ben Ali é nomeado presidente. Bourghiba morreu em 2000 em Monastir.

No começo do sec. XXI o mundo muçulmano sofreu a disputa entre facções político-religiosas e potências regionais como o Iran e Arábia pelo domínio político em todos os países do norte da África e do Oriente Médio, mescladas com interesses econômicos no petróleo. Potências ocidentais interferiram diretamente na Líbia, Síria, Egito, Iraque, Somália, Iêmen e outros para impedir que neles houvesse alteração no estado de submissão econômica e social. A Tunísia foi um dos únicos países que conseguiu a paz, mesmo sofrendo um mortífero atentado no Museu do Bardo.

#### 10. Adendo – Os conflitos políticos teológicos no mundo muçulmano

Wahhabismo é um movimento do islamismo sunita geralmente descrito como "ortodoxo", "ultraconservador" "extremista", "austero" "fundamentalista" e "puritano". Seu principal objetivo é restaurar o "culto monoteísta puro". Seus seguidores muitas vezes opõem-se ao termo wahhabismo por considerá-lo pejorativo, preferindo ser chamados de salafistas ou muwahhid. A denominação do movimento refere-se a Wahhab (1703-1792), pregador e estudioso do século XVIII. Ele começou um movimento revivalista na região remota e pouco povoada de Nejd, no centro da Arábia Saudita, defendendo purificar o islamismo para devolvê-lo às suas raízes do século VII, por meio de uma purga

de práticas como o culto popular dos santos, de santuários e a visitação de túmulos de entes queridos, práticas generalizadas entre os muçulmanos, mas que ele considerava como "idolatria", "impurezas" e inovações dentro do islamismo. Posteriormente, ele formou um pacto com um líder local Muhammad bin Saud oferecendo obediência política e prometendo que a defesa e a propagação do movimento wahhabista significaria "poder e glória" e domínio de "terras e homens". O movimento está centrado no princípio de Tawhid, ou a "singularidade" e "unidade" de Deus. O movimento também usa os ensinamentos do teólogo medieval Ibn Taymiyyah e do jurista Ahmad ibn Hanbal. Ele aspira a volta às primeiras fontes islâmicas fundamentais do Alcorão e Hadith, rejeitando as escolas jurídicas tradicionais islâmicas, além das três primeiras gerações de muçulmanos como uma inovação desnecessária. As estimativas do número de adeptos ao wahhabismo variam, com uma fonte que dá um valor de cinco milhões de wahhabistas na região do Conselho de Cooperação do Golfo. De acordo com a Universidade de Columbia, a maioria dos wahhabistas do Conselho do Golfo estão no Qatar, nos Emirados Árabes Unidos (EAU) e na Arábia Saudita. De acordo com estimativas, 46,87% da população do Qatar e 44,8% dos habitantes dos EAU são wahhabistas, enquanto que 5,7% da população do Bahrein e 2,17% dos kuwaitianos também são parte do movimento. Os wahhabistas são a "minoridade dominante" da Arábia Saudita. Há 4 milhões de wahhabistas sauditas, ou 22,9% da população do país, concentrados em Najd. A aliança entre seguidores de ibn Abd al-Wahhab e sucessores de Muhammad bin Saud criou o Reino da Arábia Saudita, onde os ensinamentos Mohammed bin Abd Al-Wahhab são patrocinados pelo Estado saudita e são a forma dominante do islamismo no país até atualmente. Com a ajuda de financiamento das exportações de petróleo (e outros fatores), o movimento sofreu um "crescimento explosivo" partir da década de 1970 e agora tem influência em todo o mundo. O wahhabismo é acusado de ser "uma fonte de terrorismo global" e por causar desunião na comunidade muçulmana, rotulando os muçulmanos não-wahhabistas como apóstatas (takfir), abrindo assim o caminho para o derramamento de sangue. O movimento também foi criticado pela destruição de mazaars, mausoléus e outros edifícios e artefatos históricos de muçulmanos e não-muçulmanos. Os "limites" que determinam o wahhabismo têm sido classificados como "difíceis de identificar", mas no uso contemporâneo, os termos "wahhabistas" e "salafistas" são muitas vezes usados como sinônimos e considerado movimentos com diferentes raízes que se fundiram a partir dos anos 1960. O wahhabismo também tem sido chamado de "uma orientação particular dentro salafismo", ou um braço saudita ultra-conservador do salafis.

## Referências

### Bibliografia e filmografia básica

ABUN-NASR, J. M. **A history of the Maghrib in the islamic period.** 1ª ed. Cambridge Univ. Press, 1987.

AL-KHALILI, J. **The golden age of arabic science.** London : Penguin Books. 2010.

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus. O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras. 1ª reimpressão. 2001.

\_\_\_\_\_. **O Islã.** Trad. Anna Olga de Barros Bueno. Rio de Janeiro : Objetiva. 2001. Título original inglês: ISLAM, a short history. 2000.

ATTIE FILHO, M. **Falsafa: A filosofia entre os árabes: - uma herança esquecida.** São Paulo: Palas Athena. 2002.

BÂ, A. H.. **Amkoullel, o menino fula.** Tradução Xina Smith de Vasconcellos. 3ª ed. . São Paulo : Palas Athena: Acervo África. 2013.

\_\_\_\_\_. **Filosofia, religião, sociologia, antropologia.** Título original francês: Amkhoullel, l'enfant Peul. Actes Sud. 1992.

BOWN, S. R. **1494. Como uma briga de família na Espanha Medieval dividiu o mundo ao meio.** Trad. Helena Londres. São Paulo: Globo. 2013.

BOUZID, Z.i (Org.). **L'emir Abdelkader, l'épopée de la sagesse.** Alger: Zaki Bouzid Editions 2007.

CAMÕES, L. V. de. **Os Lusíadas.** SP: Melhoramentos, 2013.

CHEVALIER, J. **Le soufisme.** Paris: Presses Universitaires de France. 3 ed. 1996.

EL LEGADO ANDALUSÍ. **El arte de vivir. Granada:** Las rutas de al-Andalus. 3ª ed. Granada: Bega Comunicación. 1996.

FLAUBERT, G. S. **Uma ressurreição da cidade de Cartago.** Trad. Marques Rabêlo. Rio de Janeiro: Ediouro, Ed. Pongetti. Título original francês: Salammbô

FREELY, J. **O Grande Turco.** Sultão Mehmed II. Conquistador de Constantinopla e senhor de um império. Trad. Adriana de Oliveira. São Paulo: Grua. 2011. Título original inglês: The grand turk.

- HANANIA, A. R. **A Caligrafia árabe e a arte de Hassan Massoudy**. São Paulo: Martins Fontes. 1999
- HOURANI, A. H. **Uma história dos povos árabes**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo : Companhia das Letras. 2ª ed. 1999.
- IBN BATTÛTA. Muhammad Ibn' Abd Allah. **Voyages**. Tomo I. De l'Áfrique du Nord à la Mecque. Trad. Do árabe, C. Defremery, B.R. Sanguinetti) 1858. Col. La Découverte/Poche. Paris: La Découverte. 1997.
- LEITE, S. V. A. **O Simbolismo dos Padrões Geométricos da Arte Islâmica**. Cotia - SP : Ateliê Ed., 2007.
- MENEZES, M. do C. I. de. A presença do Islã na África: das origens à atualidade. *In* MORAES, L. E. P.; POMAR, V.; BUENO, A. (Org.) **África e Brasil. História, Cultura, Educação**. São Paulo: Página 13. 2015.
- MUSSA, A. B. N. **O enigma de Qaf**. São Paulo: Record. 2004. Dicionários
- NIMER, M. **Influências orientais na língua portuguesa**. Os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos. 2 ed. Revista. São Paulo: EDUSP. 2005.
- PAGE, M. **Portugal e a revolução global: como um dos menores países do mundo mudou a nossa história**. Trad. Gustavo A. Palma. R. de Janeiro: Nova Fronteira. 2011. Título original inglês: The First Global Village. 2011
- REIG, D. **Dictionnaire arabe-français**. Paris : Larousse. 1999. História
- ROBINSON, F. **O mundo islâmico**. Esplendor de uma fé. Trad. Letras. Título original, Islamic Word, 1984. Madrid: Ed. Del Prado. 1996
- SAID, E. W. **Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosa Eichenberg. São Paulo : Companhia das Letras. 2007. Título original inglês: Orientalism – Western conception of the Orient. Inglaterra: Penguin Books. 1995
- SERVIER, J. **Les berberes. Col. Que sais-je?** Paris : PUF, 4ª ed. Literatura de ficção
- TUNISIE. **Le grand guide de la Tunisie**. Traduit par Erick Audouard, Andrée Barthès, Catherine Fouré-Marouen, Élisabeth Luc, Kim Tram. Coleção Bibliothèque du Voyageur. Ed. Gallimard. 2003. Insight Guide, Tunisia, 1ª ed. 1991.



## **Filmografia**

O colar perdido da pomba (Tawq al hamama al mafqoud; Le collier perdu de la colombe), escrito e dirigido por Nacer Khemir, legendas Guangming, dir. de fotogr: Georges Barsky, música de Jean Claude Petit. 86 min. França, Itália, Tunísia. 1991

L'ennemi intime. Florent Emílio; França, Les films du Kiosque, 2007

Os silêncios do palácio (Samt el Qusur; Les silences du palais); 128 min, Moufida Tlatli, Tunísia, 1994

A batalha de Argel (La battaglia di Algeri). Gillo Pontecorvo. Itália-Argélia. 1966